

JULIAN BARNES

O SENTIDO
DE UM FIM

Tradução de
Léa Viveiros de Castro

Rocco

Eu me lembro, em ordem aleatória:

- do brilho da face interna de um pulso;
- do vapor subindo de uma pia molhada quando se joga alegremente uma frigideira quente lá dentro;
- de gotas de esperma girando em volta de um ralo, antes de serem tragadas e descerem pelo cano de uma casa alta;
- de um rio correndo sem sentido contra a corrente, o movimento das águas iluminado por meia dúzia de lanternas em perseguição;
- de outro rio, largo e cinzento, a direção da sua corrente disfarçada por um vento forte agitando a superfície;
- da água do banho já fria por trás de uma porta trancada.

Este último não é algo que eu vi de verdade, mas o que você acaba lembrando nem sempre é a mesma coisa que viu.

Nós vivemos no tempo — ele nos prende e nos molda —, mas eu nunca achei que entendia isso muito bem. E não me refiro a teorias de como ele se dobra e volta para trás, ou se pode existir em outro lugar em versões paralelas. Não, eu me refiro ao tempo comum, rotineiro, que os relógios nos mostram que passa regularmente: tique-taque, clique-claque. Existe algo mais plausível do que um segundo ponteiro? E, no entanto, basta o menor prazer ou dor para nos ensinar a maleabilidade do tempo. Algumas emoções o aceleram, outras o retardam; às vezes, ele parece desaparecer — até o ponto final em que ele realmente desaparece, para nunca mais voltar. Não estou

muito interessado nos meus tempos de colégio, não sinto nenhuma saudade deles. Mas foi na escola que tudo começou, então eu preciso voltar brevemente a alguns incidentes que viraram anedotas, a algumas lembranças aproximadas que o tempo deformou em certezas. Se eu não posso mais ter certeza dos acontecimentos reais, posso ao menos ser fiel às impressões que aqueles fatos deixaram. É o melhor que posso fazer.

Nós éramos três, e ele então se tornou o quarto. Não esperávamos aumentar o nosso número reduzido: grupinhos e pares tinham acontecido muito tempo antes, e já estávamos começando a imaginar a nossa fuga da escola para a vida. Seu nome era Adrian Finn, um rapaz alto e tímido que no início mantinha os olhos baixos e guardava seus pensamentos para si mesmo. Por um dia ou dois, nós não tomamos conhecimento dele: na nossa escola não havia cerimônia de boas-vindas, muito menos o contrário, a introdução punitiva. Nós apenas registramos a presença dele e esperamos.

Os professores estavam mais interessados nele do que nós. Eles tinham que avaliar sua inteligência e seu senso de disciplina, calcular o quanto ele aprendera antes, e se seria “um possível candidato a uma bolsa de estudos”. Na terceira manhã daquele período de outono, nós tivemos uma aula de história com o Velho Joe Hunt, ironicamente afável no seu terno de colete, um professor cujo sistema de controle baseava-se em manter um tédio suficiente, mas não excessivo.

— Bem, vocês devem lembrar que eu pedi que fizessem uma leitura preliminar sobre o reinado de Henrique VIII. — Colin, Alex e eu nos entreolhamos, torcendo para a pergunta não ser atirada como um anzol em nossas cabeças. — Quem gostaria de oferecer uma caracterização da época? — Ele tirou suas próprias conclusões dos nossos olhares de esguicha.

— Bem, quem sabe o Marshall? Como você descreveria o reinado de Henrique VIII?

Nosso alívio foi maior do que a curiosidade, pois Marshall era um imbecil cauteloso que não tinha a criatividade da verdadeira ignorância. Ele buscou possíveis complexidades ocultas na pergunta antes de finalmente arriscar uma resposta.

— Havia inquietação, senhor.

Uma eclosão de sorrisos maliciosos e mal disfarçados; o próprio Hunt quase sorriu.

— Você poderia, talvez, explicar melhor?

Marshall assentiu com um movimento lento de cabeça, pensou mais um pouco e decidiu que não era hora de ser cauteloso. — Eu diria que havia uma grande inquietação, senhor.

— Finn, então. Você está a par desse período?

O aluno novo estava sentado uma fileira à frente, à minha esquerda. Ele não tinha esboçado nenhuma reação diante das idiotices de Marshall.

— Na verdade não, senhor. Mas existe uma linha de pensamento segundo a qual tudo o que se pode realmente dizer acerca de qualquer acontecimento histórico, até da eclosão da Primeira Guerra Mundial por exemplo, é que “alguma coisa aconteceu”.

— Existe mesmo? Bem, isso me deixaria desempregado, não acha? — Depois de algumas risadas obsequiosas, o Velho Joe Hunt perdoou nossa preguiça durante as férias e nos falou sobre o rei açougueiro e polígamo.

No intervalo seguinte, eu procurei Finn. — Eu sou Tony Webster. — Ele me olhou cautelosamente. — Grande resposta para Hunt. — Ele pareceu não saber do que eu estava falando. — Sobre “alguma coisa aconteceu”.

— Ah. Sim. Eu fiquei um tanto desapontado por ele não querer discutir o assunto.

Não era isso que ele devia ter dito.

Outro detalhe que eu me lembro: nós três, como símbolo da nossa união, costumávamos usar nossos relógios com o mostrador na face interna do pulso. Era uma afetação, é claro, mas talvez algo mais. Isso fazia o tempo parecer uma coisa pessoal, até mesmo secreta. Nós esperávamos que Adrian notasse o gesto, e o imitasse; mas ele não o fez.

Mais tarde naquele dia — ou talvez num outro dia — nós tivemos um período duplo de inglês com Phil Dixon, um jovem professor recém-chegado de Cambridge. Ele gostava de usar textos contemporâneos e propunha desafios súbitos. “Nascer, Copular e Morrer’ — T.S. Elliot diz que tudo se resume a isso. Algum comentário?” Ele uma vez comparou um herói shakespeariano a Kirk Douglas em *Spartacus*. E eu me lembro que quando estávamos discutindo a poesia de Ted Hughes, ele inclinou a cabeça com um ar pedante e murmurou, “É claro, estamos todos imaginando o que irá acontecer quando ele esgotar os animais”. Às vezes, ele se dirigia a nós como “Cavalheiros”. Naturalmente, nós o adorávamos.

Naquela tarde, ele nos entregou um poema sem título, data ou nome do autor, nos deu dez minutos para estudá-lo, depois pediu nossas impressões.

— Vamos começar com você, Finn. De maneira simples, você diria que este poema é sobre o quê?

Adrian ergueu os olhos da carteira.

— Eros e Thanatos, senhor.

— Hum. Continue.

— Sexo e morte — continuou Finn, como se não fossem só os burros do fundo da sala que não entendessem grego. — Ou amor e morte, se preferir. O princípio erótico, em todo

caso, entrando em conflito com o princípio da morte. E o que resulta desse conflito, senhor.

Eu estava provavelmente parecendo mais impressionado do que Dixon achou saudável.

— Webster, esclareça melhor.

— Eu achei que era apenas um poema sobre uma coruja, senhor.

Essa era uma das diferenças entre nós três e o nosso novo amigo. Nós éramos essencialmente debochados, exceto quando éramos sérios. Ele era essencialmente sério, exceto quando era debochado. Nós levamos algum tempo para entender isso.

Adrian se deixou absorver pelo nosso grupo, sem admitir que isto era algo que ele queria. Talvez não quisesse. E ele não alterou seus pontos de vista para combinar com os nossos. Nas orações matinais, ele podia ser ouvido durante as respostas enquanto Alex e eu simplesmente fazíamos mímica com a boca e Colin preferia o recurso satírico do grito entusiástico do pseudofanático. Nós três considerávamos as atividades esportivas escolares um plano criptofascista para reprimir nosso impulso sexual; Adrian entrou para o clube de esgrima e praticava salto em altura. Nosso ouvido musical era beligerantemente surdo; ele foi para a escola com seu clarinete. Quando Colin censurava a família, eu debochava do sistema político e Alex fazia objeções filosóficas à percepção da realidade, Adrian não se pronunciava — pelo menos no início. Ele dava a impressão de acreditar nas coisas. Nós também acreditávamos — só que queríamos acreditar nas nossas próprias coisas, e não no que tinha sido decidido para nós. Daí o que considerávamos ser o nosso ceticismo purificador.

A escola ficava no centro de Londres, e todo dia saíamos de nossos diferentes bairros e passávamos de um sistema de controle para outro. Naquela época, as coisas eram mais simples: menos dinheiro, nenhum aparelho eletrônico, pouca tirania da moda, nenhuma namorada. Não havia nada para nos distrair da nossa obrigação humana e filial de estudar, passar nos exames, usar nossas qualificações para arranjar um emprego e depois organizar um modo de vida mais satisfatório do que o dos nossos pais, que iriam aprová-lo, embora comparando-o em segredo com seus próprios começos de vida, que tinham sido mais simples e, portanto, superiores. Nada disso, é claro, jamais era verbalizado: o requintado darwinismo social da classe média inglesa sempre permanecia implícito.

— Malditos filhos da puta, os pais — reclamou Colin numa segunda-feira na hora do almoço. — Você acha que eles são legais quando você é pequeno, depois percebe que eles são iguais a...

— Henrique VIII, Col? — sugeriu Adrian. Nós estávamos começando a nos acostumar com seu senso de ironia; e também com o fato de que ele também podia ser usado contra nós. Quando queria implicar conosco ou nos obrigar a ficar sérios, ele me chamava de Anthony; Alex virava Alexander, e o inalongável Colin era abreviado para Col.

— Eu não me importaria se meu pai tivesse meia dúzia de esposas.

— E fosse incrivelmente rico.

— E pintado por Holbein.

— E dissesse ao papa para cair fora.

— Alguma razão particular para eles serem malditos filhos da puta? — perguntou Alex a Colin.

— Eu queria que a gente fosse ao parque de diversões. Eles disseram que tinham que passar o fim de semana cuidando do jardim.

Certo: malditos filhos da puta. Exceto para Adrian, que ouvia nossas queixas, mas raramente fazia alguma. E no entanto nós achávamos que ele tinha mais motivos do que a maioria. A mãe dele tinha ido embora anos antes, deixando o pai dele sozinho para criar Adrian e a irmã. Isto foi muito antes de a expressão “pai/mãe solteiro/a” entrar em uso; naquela época, isto se chamava “lar desfeito”, e Adrian era a única pessoa que nós conhecíamos que vinha de um lar desfeito. Isso deve ter dado a ele um grande estoque de raiva existencial, mas por algum motivo não deu; ele dizia que amava a mãe e respeitava o pai. Secretamente, nós três examinamos o caso dele e elaboramos uma teoria: que o segredo de uma vida familiar feliz era não ter família — ou, pelo menos, não ter uma família vivendo junto. Após esta análise, passamos a invejar Adrian ainda mais.

Naquela época, nos imaginávamos presos numa espécie de gaiola, esperando para sermos soltos na vida. E quando esse momento chegasse, as nossas vidas — e o próprio tempo — iriam se acelerar. Como poderíamos saber que nossas vidas já tinham começado, que algum benefício já havia sido obtido, algum dano já havia sido causado? E, também, que seríamos soltos numa gaiola apenas maior, cujas fronteiras a princípio seriam imperceptíveis.

Enquanto isso, tínhamos fome de livros, fome de sexo, éramos meritocratas, anarquistas. Todos os sistemas políticos e sociais nos pareciam corruptos, entretanto nos recusávamos a considerar uma alternativa que não fosse o caos hedonista. Adrian, no entanto, nos incentivava a acreditar na aplicação

do pensamento à vida, na ideia de que os princípios deviam guiar as ações. Antes, Alex era considerado o filósofo entre nós. Ele tinha lido coisas que os outros dois não tinham, e era capaz, por exemplo, de declarar num repente, “Sobre o que não podemos falar, devemos calar”. Colin e eu refletíamos um pouco sobre esse pensamento em silêncio, depois ríamos e continuávamos conversando. Mas a chegada de Adrian tirou Alex do seu posto — ou melhor, nos deu outra opção de filósofo. Se Alex tinha lido Russell e Wittgenstein, Adrian tinha lido Camus e Nietzsche. Eu tinha lido George Orwell e Aldous Huxley; Colin tinha lido Baudelaire e Dostoievski. Isto é apenas uma ligeira caricatura.

Sim, é claro que éramos pretensiosos — para que mais serve a juventude? Nós usávamos termos como “*Weltanschauung*” e “*Sturm und Drang*”, gostávamos de dizer “Isso é filosoficamente autoevidente” e assegurávamos uns aos outros que a primeira obrigação da imaginação era ser transgressora. Nossos pais viam as coisas de forma diferente, os filhos eram crianças inocentes subitamente expostas a influências nocivas. Assim, a mãe de Colin se referia a mim como seu “anjo das trevas”; meu pai culpou Alex quando me flagrou lendo *O manifesto comunista*; Colin foi acusado pelos pais de Alex quando eles o apanharam com um violento romance policial americano. E assim por diante. Era a mesma coisa com sexo. Nossos pais achavam que poderíamos ser corrompidos uns pelos outros e nos tornarmos aquilo que eles mais temiam: um masturbador incorrigível, um homossexual sedutor, um libertino temerariamente fértil. Por nossa causa eles tinham pavor da intimidade da amizade adolescente, do comportamento predatório de estranhos em trens, da atração pelo tipo errado de moça. A ansiedade deles ultrapassava muito as nossas experiências.

Uma tarde, o Velho Joe Hunt, como que aceitando o desafio anterior de Adrian, nos pediu para debater as origens da Primeira Guerra Mundial: especificamente, a responsabilidade do assassino do arquiduque Francisco Ferdinando em relação ao início de tudo aquilo. Na época, nós éramos quase todos absolutistas. Nós gostávamos de Sim x Não, Elogio x Crítica, Culpa x Inocência — ou, no caso de Marshall, Inquietação x Grande Inquietação. Gostávamos de um jogo que terminasse com vitória ou derrota, não com empate. Então, para alguns, o atirador sérvio, cujo nome há muito se apagou da minha memória, teve cem por cento de responsabilidade individual: se ele fosse retirado da equação, a guerra jamais teria acontecido. Outros preferiram responsabilizar as forças históricas, que tinham colocado as nações inimigas numa inevitável rota de colisão: “A Europa era um barril de pólvora pronto para explodir” e assim por diante. Os mais anárquicos, como Colin, argumentaram que tudo se deveu ao acaso, que o mundo existia em estado de perpétuo caos e só um instinto primitivo de contar histórias, sem dúvida uma ressaca da religião, impôs retrospectivamente sentido ao que poderia ou não ter acontecido.

Hunt inclinou brevemente a cabeça diante da tentativa de Colin de minar tudo, como se a descrença mórbida fosse um subproduto natural da adolescência, algo para ser superado na idade adulta. Professores e pais costumavam comentar com irritação que eles também tinham sido jovens, e portanto podiam falar com autoridade. É apenas uma fase, eles insistiam. Você vai sair dela quando crescer; a vida irá ensinar-lhe realidade e realismo. Mas naquela época nós nos recusávamos a admitir que eles um dia tinham sido parecidos conosco, e sabíamos que compreendíamos a vida — e a verdade e a mora-

lidade e a arte — com muito mais clareza do que nossa acomodada geração mais velha.

— Finn, você está calado. Foi você quem fez a bola rolar. Você é, por assim dizer, nosso atirador sérvio. — Hunt fez uma pausa para deixar a alusão fazer efeito. — Você não gostaria de dividir conosco seus pensamentos?

— Não sei, senhor.

— O que é que você não sabe?

— Bem, num certo sentido, eu não posso saber o que é que eu não sei. Isso é filosoficamente autoevidente. — Ele fez uma daquelas ligeiras pausas em que nós mais uma vez imaginamos se ele estava sendo sutilmente debochado ou usando de uma seriedade muito além da nossa. — Na verdade, essa questão de imputar responsabilidade não é uma espécie de desculpa? Nós queremos culpar um indivíduo para que todos os outros sejam isentos de culpa. Ou culpamos um processo histórico como forma de exonerar os indivíduos. Ou é tudo um caos anárquico, com a mesma consequência. Eu tenho a impressão de que existe, existiu, uma cadeia de responsabilidades individuais, todas elas necessárias, mas não uma cadeia tão longa que todo mundo possa simplesmente culpar todo mundo. Mas, é claro, meu desejo de atribuir responsabilidade pode ser mais um reflexo do meu próprio modo de pensar do que uma análise justa do que aconteceu. Esse é um dos principais problemas da história, não é, senhor? A questão da interpretação subjetiva versus a interpretação objetiva, o fato de que nós precisamos conhecer a história do historiador a fim de entender a versão que é colocada diante de nós.

Houve um silêncio. E não, ele não estava debochando, de jeito nenhum.

O Velho Joe Hunt olhou para o relógio e sorriu. — Finn, eu me aposento dentro de cinco anos. E vou ficar contente

em recomendar você, caso queira ficar no meu lugar. — E ele também não estava debochando.